



12º Congresso de Pós-Graduação

CORPO A CORPO: CIÊNCIA E EVOLUÇÃO CRIADORA

Autor(es)

ARTUR RODRIGUES JANEIRO

Orientador(es)

MARCIA REAMI PECHULA

Resumo Simplificado

Gunther von Hagens é um anatomista alemão que desenvolveu uma técnica que, segundo o mesmo, é de preservação de tecidos biológicos – a plastinização. Sua técnica utiliza cadáveres animais (sobretudo humanos) a fim de proporcionar uma real/verdadeira visualização anatômica. Os corpos plastinizados (preservados em polímeros químicos) podem ser encontrados em exposições museológicas de várias partes do mundo, estando dispostos em diferentes posições – em atividades cotidianas como também em referência às ilustrações anatômicas dos grandes mestres da Arte e da Ciência (de Andreas Vesalius a Leonardo Da Vinci e muitos outros). Entretanto, um corpo humano submetido a um novo processamento químico ainda é um corpo humano? O que define “corpo humano” – uma mera questão conceitual da estrutura (anatomia) em detrimento ao funcional (fisiológico)? Pode o corpo humano ser desvelado pela Ciência e apresentar-se em anatomia-outra cunhada por avanços tecnológicos? Assim, o presente estudo – fruto de uma dissertação de mestrado em andamento – frente a essa contextualização problematizada, objetiva repensar se a anatomia oriunda da nova técnica (plastinização) pode ser uma nova maneira de representação da anatomia convencional/histórica (presente, sobretudo, nas Artes) ou se ela é uma anatomia-outra por conta da mudança de natureza química do corpo estudado/exposto – de orgânico para sintético. Diante disso, visando alcançar os questionamentos anteriormente dispostos, sem se perder em discursos “biocientíficos” impostos, optou-se, enquanto metodologia, pela realização de um estudo bibliográfico que, contemplando a História da Arte (GOMBRICH, 1999), a História do Corpo (CORBIN et al., 2008) e a História da Anatomia (TALAMONI, 2012), sustentasse uma fundamentação estética (na concepção filosófica do termo) a partir da qual, aproximando Ciência e Arte, teríamos uma leitura criadora de mundo – ou seja, Ciência e Arte não somente leem o mundo como ao divulgar sua leitura, apresentam (e não representam) um novo mundo, como é/foi o caso dos cadáveres de Von Hagens. Essa vivacidade com que a Ciência e Arte se embrenham pelo mundo, pelas coisas, pelos processos, foi sustentada por pensamentos oriundos de uma matriz epistemológica pós-moderna a qual, em questão, advém dos pensamentos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997). Como resultados iniciais, tomamos a definição dada pelos referidos filósofos ao “conceito”, o qual sendo dinâmico, logo, mutável, melhor fundamenta a ideia de um corpo (e um conceito que o determina) que deixa de ser corpo e passa a ser um corpo-outro(plastinado) - então, eis o conceito de corpo que alcança outros limites ou, um novo conceito, de corpo-outro advindo da plastinização). Por fim, concluiu-se com uma nova leitura da obra de Von Hagens que, se é papel da Filosofia criar conceitos e, estando os feitos da Tecnociência sendo conceituados, eis que a Ciência tem sido tão criadora quanto a Arte. Assim, para o caso dessa nova anatomia que surge, eis uma conceito que também surge – o de “arte-anatomia” que, ramificando-se rizomaticamente sobre um terceiro eixo, o do Tempo, apresenta a evolução do pensamento, uma evolução criadora e humana, frente as nossas tentativas de compreender a natureza (não somente do corpo) tal como ela é.